

Impactos da Cultura na Economia da Bahia: participação no gasto turístico e consumo de residentes e governo

Grazia Burman¹

RESUMO: Trata de aspectos importantes da produção e consumo cultural, medindo os impactos na economia, através de metodologia de cálculo do Produto Interno Bruto (PIB) Cultural. O PIB da cultura, que em 1996 correspondeu a 4,4 % do PIB da Bahia, revelou a importância dessa indústria na geração de emprego e renda, na participação no gasto turístico, no consumo de residentes e do governo.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura; economia; Bahia, Brasil.

ABSTRACT: *This study presents important cultural production and consuming aspects in the economy of Bahia State. The methodology used, considered the impact of cultural gross domestic product, which represented in 1996 – 4,4% of the total gross domestic product of Bahia State. The incremental of tourism activities in these areas provided a substantial improvements of life conditions for local residents and government income through new jobs generation and local consuming in crease.*

KEYWORDS: *Tourism and economy; cultural impacts; gross domestic product; tourism and residents consuming; Bahia; Brazil.*

Introdução

Acompanhando uma tendência global, o setor público vive hoje um processo de transição em que suas ações voltam-se, crescentemente, para os aspectos sociais e para o campo normativo e indutor da atividade econômica. Em contrapartida, o setor privado nacional e internacional vêm assumindo papel mais ativo na promoção do crescimento, a partir de investimentos produtivos, num momento em que a importância de relações articuladas parece ser a perspectiva que poderá solucionar os desequilíbrios regionais e sociais.

Com esta compreensão, a Secretaria da Cultura e Turismo (SCT) da Bahia dirigiu os esforços para a pesquisa e mensuração dos impactos da cultura na economia do Estado, visando, dessa forma, a implantação de um sistema de agregados macroeconômicos que possibilite identificar um indicador sintético, como é o PIB, acompanhando seu principal vetor de expansão “o consumo das famílias residentes e não-residentes”, avaliando o perfil do consumidor e, assim, capacitando-se a direcionar o planejamento estratégico governamental e empresarial.

Este sistema vai permitir o acompanhamento do setor através dos investimentos realizados pelas empresas privadas e pelo governo, do consumo das famílias e do governo ou consumo coletivo, bem como mensurar o produto gerado pelas empresas privadas, a geração de empregos, a composição do valor agregado bruto e, ainda, estimar o valor das exportações de produtos culturais, assim como o das importações.

A cultura tem sustentado boa parcela dos empregos na Região Metropolitana de Salvador (RMS). Mais de 50% da mão-de-obra ocupada encontra-se no setor de serviços, com o que, agregando-se o comércio, têm-se aproximadamente 78% dos ocupados da RMS. Assim, entre as 1.087.100 pessoas ocupadas, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD (1996), aproximadamente 853 mil estão no mercado de trabalho ligadas ao setor terciário da economia.

Metodologia

A Contabilidade Nacional é uma técnica que tem por objetivo representar e quantificar a economia de um país. O esquema descritivo visa reproduzir os fenômenos essenciais do circuito econômico: produção, geração de renda, consumo, financiamento, acumulação e relações com o resto do mundo. Como todo esquema descritivo é, também, uma simplificação da realidade.

Este consumo, enquanto Sistema de Contabilidade Social, é mensurado a partir do total consumido a preços de mercado pelas famílias residentes e não-residentes, permitindo, dessa forma, a mensuração da produção cultural pela ótica da despesa, agregando-se a este consumo: o consumo coletivo (do governo), o investimento público, as instituições sem fins lucrativos e empresas privadas, a

1. Matemática e especialista em Modelos Lineares pela USP. Professora de Estatística de Turismo na UNIFACS/BA, e de Econometria na Universidade Católica de Salvador. Assessora da Secretaria da Indústria, Comércio e Turismo da Bahia.

End.: Av. Luis Viana Filho, s/n – 40030 – 010 – Salvador – Bahia.

variação de estoques, e as exportações menos as importações.
Metodologicamente, calculando-se o PIB pela ótica da despesa, tem-se:

	CONSUMO FINAL
	(+)
	FORMAÇÃO BRUTA DE CAPITAL FIXO
	(+)
PIB =	VARIAÇÃO DE ESTOQUES
	(+)
	EXPORTAÇÕES
	(-)
	IMPORTAÇÕES

Mantendo-se a igualdade pela ótica da produção:

	VALOR BRUTO DE PRODUÇÃO
	(-)
PIB =	CONSUMO INTERMEDIÁRIO

	REMUNERAÇÃO DO TRABALHO
	(+)
PIB =	EXCEDENTE OPERACIONAL BRUTO
	(+)
	IMPOSTOS - SUBSÍDIOS

O Período da Estimativa - 1996

O ano de 1996 foi o período escolhido para a estimativa do PIB da cultura, decidindo-se iniciar por este período pelo fato do mesmo apresentar a avaliação mais próxima da Pesquisa de Gastos que estava sendo realizada (1997) e por coincidir com o ano da Pesquisa de Gastos dos “não-residentes” (1996), e das informações da PNAD (1996), de onde foram retirados os dados de massa de rendimentos das famílias e ocupações.

O percentual ou impacto do PIB da cultura sobre o PIB da Bahia considerou o valor em dólares deste último indicador calculado pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), que já dispunha destes resultados.

Abrangência

Sabendo-se que existe uma predisposição maior a consumir produtos

culturais na RMS, principalmente em Salvador em virtude da urbanização e da concentração de produtos e serviços ligados à cultura nessa região, as medidas de gastos são usualmente realizadas na RMS, a exemplo da Pesquisa de Orçamento Familiar (POF) realizada pelo IBGE. Medidas deste tipo supõem que a expansão dos resultados seja possível somente para regiões urbanas.

Contudo, como se deseja uma medida de comparabilidade da cultura com os demais agregados macroeconômicos do Estado, vale que o esforço de mensuração através de estimativas possa permitir esta mensuração. Assim, procedeu-se à expansão das estimativas da cultura, resultando no Produto Interno Bruto da Cultura na Bahia.

Resultados – Principais Estimativas

Pessoas Ocupadas em Atividades Relacionadas à Cultura na RMS

No conjunto de atividades vinculadas à cultura, entre as quais figuram os escritores e críticos, jornalistas, coreógrafos e bailarinos, artistas, ambulantes em festas de largo, nas festas do Carnaval e São João, museólogos, baianas de acarajé, pôde-se realizar, através de pesquisa direta, uma sondagem que determinou a participação desse mercado formal e informal na cidade de Salvador.

Através da *Pesquisa Direta*, constatou-se que 7,2% dos ocupados com rendimentos haviam realizado atividades relacionadas à cultura no ano de 1996, e que esse contingente poderia ser estimado em 84.350 pessoas na RMS. A caracterização de informalidade deste emprego ficou constatada pelo número de dias médios trabalhados realizado durante o ano de 1996, de aproximadamente 58 dias, o que caracteriza o emprego temporário e o vínculo de informalidade dessas ocupações.

Consumo dos Não-Residentes

Pesquisa realizada entre janeiro e fevereiro de 1996 identificou que o consumo de produtos de diversão, realizado pelo turista em Salvador, correspondia a 12,7% do total do gasto diário, a compra de artesanato e outros equivaliam a 18,6%. Poder-se-ia dizer que aproximadamente 31% dos gastos dos consumidores não-residentes eram realizados com produtos estritamente culturais, e que, certamente, outros gastos realizados estariam ligados ao consumo de cultura.

Uma estimativa desse consumo, considerando-se a receita do turismo da Bahia, em 1996, estimada pela BAHIATURSA (US\$ 660 milhões), permitiria afirmar que o consumo dos não-residentes com cultura se aproximaria de US\$ 205 milhões ao ano ou R\$ 212 milhões.

CONSUMO DOS NÃO-RESIDENTES R\$ 212 milhões

Consumo das Famílias Residentes

Na Pesquisa de Orçamento Familiar, instrumento de avaliação do gasto das famílias na RMS, realizada em 1988 pelo IBGE, encontrou-se um consumo familiar médio em educação e divertimento de 3,20% do orçamento familiar, estando os outros gastos com cultura identificados como livros (0,14%), revistas (0,20%), equipamentos fotográficos (0,03%), livros escolares e técnicos (0,18%), discos e fitas (0,16%) e jornais (0,38%). Outros itens do consumo familiar poderiam, entretanto, ser incorporados ao consumo de cultura, mas o que chama atenção nesta pesquisa realizada em 1988, quando comparada à anterior, 1974, e que foi identificado por Borges e Burman (1992), são os novos hábitos de consumo.

Finalmente espelhando sobretudo as mudanças nos padrões do lazer urbano e a ampliação do consumo de produtos da chamada "indústria cultural", em todas as faixas de renda, ocorre um aumento de 2,2% para 3,8% na participação relativa das despesas com recreação e cultura.

Destacando o item alimentação pela importância que tem no orçamento da maioria das famílias, observa-se, em primeiro lugar, um aumento significativo do peso da alimentação fora do domicílio, de 2,7% para 7,1%, uma mudança de hábito que reflete os efeitos da urbanização (Borges e Burman, 1992).

Como se pode verificar, em 1988 os efeitos da urbanização haviam duplicado os gastos com alimentação em restaurantes e quase duplicado, também, o consumo em cultura que participava com 4,29% do orçamento doméstico.

Mas o que chama atenção ao se observar os efeitos da urbanização sobre os hábitos de consumo do soteropolitano são as elevadas despesas com recreação (4,1%) e educação e leitura (4,5%), quase o dobro dos resultados encontrados na RMS para o mesmo ano 1988, o que demonstra a especificidade dos hábitos de consumo da população de Salvador.

TABELA 1 – DESPESAS COM RECREAÇÃO, EDUCAÇÃO E LEITURA

Despesas	% no Orçamento
Cinema	0,5174
Ingresso para jogo	0,1556
Associação esportiva	0,4749
Discos e fitas	0,5276
Máquina fotográfica	0,0623
Acessórios fotográficos	0,4897
Aluguel de fita de vídeo	0,1028
Fita de videocassete	0,1197
Livros e revistas	0,1306

Fonte: IBGE. Pesquisa de Orçamento Familiar (1988).

Esta elevada elasticidade do consumo de cultura *versus* urbanização permite afirmar que os hábitos de consumo da população de Salvador devem ser observados em detalhe, pois são extremamente sensíveis à estímulos externos, propagando-se a todas as camadas sociais.

Em *Pesquisa Direta* realizada em outubro de 1997 através da Secretaria da Cultura e Turismo da Bahia junto a 1.720 famílias residentes em Salvador, constatou-se a mudança expressiva nos hábitos de consumo do soteropolitano: os gastos com produtos e serviços culturais corresponderam a 7,96% do orçamento, duas vezes superiores aos resultados apresentados pela pesquisa de 1988. Em 1997, entre os produtos mais consumidos pelas famílias, encontrou-se as despesas mensais com alimentos da culinária baiana (R\$ 18,20), discos, fitas e CDs (R\$ 14,02), livros, revistas e periódicos (R\$ 8,48), blocos, afoxés e entidades culturais e recreativas (R\$ 6,13).

Comparando-se os percentuais do consumo com os da cultura entre os períodos de 1988 e 1997, verificou-se, no ano de 1997, um expressivo aumento das despesas com discos, fitas e CDs, ampliando-se quase três vezes no período analisado; também ampliou-se a participação das despesas no orçamento doméstico de livros, revistas e jornais, quase quintuplicando no período, enquanto as despesas com cinema não se alteraram, muito provavelmente substituídas pelo consumo de fitas de vídeo, item que em 1997 também triplica sua participação no orçamento do soteropolitano.

Estimativa dos Rendimentos Anuais e Despesas com Cultura

Considerando-se a massa total de rendimentos mensais da população com rendimentos, em 1996 segundo a PNAD na RMS, pode-se estimar que os rendimentos anuais sejam de aproximadamente R\$ 8,387 bilhões, ou seja, os rendimentos mensais em doze meses de R\$ 8,055 bilhões, adicionados aos R\$ 332,3 milhões de recebimentos do 13º salário, apenas para os ocupados com carteira assinada ou 49,5% dos ocupados. O percentual de despesa sobre o orçamento doméstico, revelado pela *Pesquisa Direta*, corresponde a 7,96%; calcula-se que aproximadamente R\$ 667,6 milhões seriam os gastos totais com cultura na RMS, sem considerar-se a sazonalidade do consumo.

A expansão do consumo com cultura para as estimativas da Bahia levou em consideração as análises de Borges e Burman (1992), em que fora das áreas densamente urbanizadas, os percentuais de consumo de bens culturais reduzem-se à m hábitos de consumo alteram-se expressivamente em relação à capital, pois a oferta de serviços de recreação e cultura é muito reduzida. Dessa forma, partindo-se dos percentuais de despesa obtidos pela *Pesquisa Direta* em Salvador, onde são definidos quinze itens de consumo, apenas quatro itens foram considerados passíveis de consumo no meio rural, entre estes: entrada em parques, afoxés, blocos

entidades culturais, discos e fitas, e festividades religiosas, os quais juntos somam 2,98 % de despesa sobre o orçamento familiar.

TABELA 2 - DESPESA FAMILIAR MENSAL COM BENS CULTURAIS EM SALVADOR – 1997

Despesa Familiar	R\$ 1,00	% no Orçamento Familiar
Cinema	4,70	0,44
Entrada em parques	3,86	0,36
Teatro e centros culturais	2,97	0,28
Shows musicais	5,32	0,49
Shows de dança, teatro e circo	0,85	0,08
Cursos de arte	1,02	0,09
Museus, galerias, bibliotecas	0,26	0,02
Academia de dança	2,80	0,26
Festividades populares/religiosas	8,11	0,75
Afoxés, blocos, entidades culturais e recreativas	6,13	0,57
Artesanato, obras de arte, antiguidades	2,27	0,21
Culinária típica	18,20	1,68
Discos, fitas e CDs	14,02	1,30
Fita de vídeo	7,01	0,65
Livros, revistas e periódicos	8,48	0,79
Consumo total mensal familiar	86,04	7,96

Fonte: Secretaria da Cultura e Turismo. Bahia. Pesquisa direta, Bahia, 1997.

Na Bahia, pelos dados da PNAD de 1996, estima-se que subtraindo a massa salarial da população da RMS, resulta uma massa total de rendimentos mensais de R\$ 914,7 milhões. Atualizando-se estes resultados e considerando-se que apenas 22% dos ocupados têm carteira assinada, segundo a PNAD, e portanto percebem 13º salário, resulta em rendimentos anuais de R\$ 11,178 bilhões, e calculando-se um percentual de gastos médio com cultura de 2,98% do orçamento doméstico para a população fora da RMS, estimam-se os gastos com cultura em aproximadamente R\$ 333,1 milhões. Agregando-se os gastos com cultura na RMS (R\$ 667,6 milhões) aos gastos na Bahia sem a RMS, obtém-se uma estimativa de consumo com cultura na Bahia de R\$ 1,001 bilhão em 1996.

Estimativa da Sazonalidade

Na Bahia, o consumo com cultura apresenta forte sazonalidade, pois é estimulado através de festas populares. Além dos números do Carnaval em Salvador, que geram aproximadamente R\$ 115 milhões, para medir a sazonalidade deste consumo com cultura, deve-se agregar as micaretas ou carnavais fora de época e as festas juninas.

A mensuração do consumo em festas de micaretas pode ser realizada a partir das entrevistas realizadas junto à SCT e principais formadores de opinião, concluindo-se que as micaretas na Bahia, realizadas na grande maioria dos municípios, atraem um fluxo de visitantes que corresponde a aproximadamente 30% da população local. Assim contabilizada, a população exógena ou não-residente, que participa em micaretas durante o ano, aproxima-se de 3,7 milhões de pessoas (a população da Bahia corresponde a 12,5 milhões de habitantes). Esse fluxo de consumidores pode gerar uma despesa anual nessas festas de aproximadamente R\$ 142 milhões (calculada como despesa por visitante a metade dos níveis de consumo/habitante durante o Carnaval de Salvador, que reúne 1,5 milhão de foliões).

Outra festa importante no calendário cultural baiano e de forte consumo sazonal são as festas juninas – São João e a de São Pedro – as quais vêm movimentando cada vez mais um fluxo muito expressivo de visitantes. Os municípios do interior do Estado têm nessas festas a grande alternativa de geração de receitas, pois a participação popular é muito forte. Embora nem todos os municípios permitam preparar um ambiente tradicional de festa do interior, capaz de atrair fluxos expressivos de visitantes, a tradição do forró e comidas típicas vêm se confirmando e orientando a festa para o meio urbano, tal como acontece no “Arraiá da Capitá”, em Salvador.

Em nível de geração de receitas, os números de São João e São Pedro, segundo informações da SCT, aproximam-se aos números das micaretas. As despesas com as festas realizadas pelas prefeituras confirmam que, embora um menor número de municípios se incluam nesses festejos, a grande maioria já realizava alguma organização do evento. Também se considerou a participação da população local no consumo desta festividade, a qual supera os números das micaretas, pois eleva-se o consumo de comidas típicas, fogos, bebidas, “licores” entre outros. Diante dessas considerações os dias dedicados aos números de São João e São Pedro podem gerar consumo semelhante ao das micaretas, ou seja, o consumo de aproximadamente R\$ 142 milhões.

Contabilizados esses consumos sazonais, realizados pelas famílias baianas, que somam R\$ 284 milhões de despesas realizadas em micaretas e festas juninas, bem como os R\$ 115 milhões no Carnaval de Salvador, concluiu-se que aproximadamente R\$ 399 milhões são consumidos sazonalmente. Agregue-se esses valores às despesas anuais com cultura de R\$ 1,001 bilhão, tem-se que o consumo anual das famílias residentes com cultura na Bahia corresponde a R\$ 1,4 bilhão.

CONSUMO DAS FAMÍLIAS RESIDENTES R\$1,4 bilhão

*Consumo do Governo e Instituições Privadas
Sem Fins Lucrativos*

O consumo da administração pública, é o valor da sua produção, definida pelo Sistema de Contas Nacionais, como estrutura dos custos de produção e composta por salários e encargos, compras de bens e serviços, e consumo de capital fixo. Para a apropriação deste consumo, serão utilizados os orçamentos dos órgãos públicos, federais, estaduais e municipais ligados à produção cultural na Bahia.

Esfera Estadual

Analisado o orçamento da Secretaria da Cultura e Turismo da Bahia em 1996, as despesas e investimentos com cultura corresponderam a R\$ 30,9 milhões, quando retirados os investimentos, resultou que os gastos equivaliam a aproximadamente R\$ 12,1 milhões. Segundo essa mesma fonte, estavam destinados R\$ 18,9 milhões para recuperação e construção de unidades culturais e recuperação e preservação do patrimônio artístico e cultural.

Esfera Municipal

Em nível de governo municipal, embora não se disponha da desagregação das rubricas correspondentes à despesa com cultura, pode-se estimar a partir dos custos da EMTURSA com o Carnaval 1996, que o consumo da prefeitura municipal de Salvador, em 1996, correspondeu a R\$ 6,2 milhões.

Para mensurar os gastos com cultura dos demais municípios da Bahia, optou-se pela estimativa das proporções de despesas da capital com cultura, em relação à receita da cidade, ou seja, 3,35% (Tabela 3). Considerou-se ainda que para os demais municípios da Bahia, metade dessa proporção seria percentual mais adequado, pois também assim procedeu-se para os consumos familiares, e a grande maioria dos municípios conta com festas menos expressivas que o Carnaval. Desta forma, concluiu-se por estimar em R\$ 20,1 milhões as despesas de consumo do governo municipal na Bahia.

TABELA 3 – PRINCIPAIS RECEITAS MUNICIPAIS NA BAHIA EM 1996

Salvador	Valores (R\$)
Fundo de Participação do Municípios	61.590.256
Cotas do ICMS	124.056.566
TOTAL	185.646.822
Bahia	Valores (R\$)
Fundo de Participação do Municípios	813.661.458
Cotas do ICMS	625.976.326
TOTAL	1.439.637.784

Fonte: SEFAZ.

Esfera Federal

Segundo orçamento do Governo Federal, o Ministério da Cultura e o IPHAN, em 1996, realizaram uma despesa corrente e de capital na Bahia de R\$ 755 mil.

	MUNICIPAL	R\$ 20,1 milhões
CONSUMO	ESTADUAL	R\$ 12,1 milhões
DO GOVERNO	FEDERAL	R\$ 0,8 mil
	TOTAL	R\$ 33,0 milhões

Formação Bruta de Capital Fixo do Setor Público

Esfera Estadual

Medida sob o ângulo da absorção, esta variável corresponde ao fluxo que representa acréscimos e reposições de estoques de capital fixo (construções e equipamentos), estes dados de investimentos de acordo com o orçamento de 1996, da Secretaria da Cultura e Turismo da Bahia, corresponderam a R\$ 18,9 milhões.

Esfera Municipal

Os investimentos da Prefeitura de Salvador foram estimados pelas despesas de capital realizadas com o Carnaval, o que correspondeu a R\$ 2,3 milhões, considerando-se os investimentos das demais prefeituras da Bahia segundo “proxy” realizada como proporção da despesa e receitas em Salvador, a esfera municipal teria realizado investimentos de R\$ 9,8 milhões em 1996.

TABELA 4 – CUSTOS DA EMTURSA COM O CARNAVAL 1994-1996 (R\$ MIL)

Item	1994	1995	1996
Infra-estrutura ¹	1.821,3	2.132,1	2.341,3
Animação ²	1.840,2	2.022,3	2.545,8
Pessoal	1.115,7	1.424,6	2.301,0
Operação ³	1.025,6	998,3	1.327,1
TOTAL	5.802,8	6.577,3	8.515,2

1. Camarotes, arquibancadas, palcos, sonorização, iluminação, decoração, etc.

2. Cantores, bandas, músicos, blocos, trios elétricos, minitrios, etc.

3. Logística, publicidade, fiscalização, etc.

Fonte: *Casa do Carnaval (jan/96)*.

Esfera Federal

Pela dificuldade de desagregação das despesas de capital e correntes, os investimentos federais foram apropriados no consumo do governo federal.

	MUNICIPAL	R\$ 9.8 milhões
FBKF	ESTADUAL	R\$ 18,9 milhões
DO GOVERNO	FEDERAL	Apropriada em consumo
	TOTAL	R\$ 28.7 milhões

Formação Bruta de Capital Fixo do Setor Privado

Os investimentos privados realizados na Bahia, pelos produtores, tais como a construção de teatros, cinemas, casas de shows, artesanato, galerias podem ser estimados através de:

- A carteira de investimentos do comércio e dos serviços na Bahia, 1995-2000, apresenta US\$ 1,007 bilhão (Bahia Investimentos, julho de 1997), o que

corresponde a um fluxo médio de US\$ 167 milhões ao ano; deste total, os investimentos em cultura deverão participar proporcionalmente ao consumo das famílias residentes e não-residentes, portanto alguma coisa em torno de 8%, ou seja, R\$ 13,8 milhões de novos shoppings, lojas, restaurantes, cinemas, comércio em geral;

- Outros investimentos devem ser considerados, o Carnaval de Salvador, um megaevento, que movimenta aproximadamente R\$ 115 milhões em apenas cinco dias de festa. Os resultados dos investimentos desta festa podem ser estimados a partir dos investimentos em infra-estrutura do Carnaval de aproximadamente R\$ 2 milhões. Os quarenta maiores blocos carnavalescos podem realizar investimentos, na montagem de um trio elétrico, que chegam a R\$ 600 mil por bloco. Em 1996, tem-se conhecimento de compra de apenas um trio elétrico de R\$ 1,2 milhão (Miguez de Oliveira, 1996); outros equipamentos de menor porte certamente foram adquiridos nesse ano, além de considerar-se os sessenta blocos alternativos. O resultado total se aproxima a R\$ 3,6 milhões de investimentos.

Em 1996, estima-se que o total dos investimentos privados na Bahia corresponderiam a R\$ 17,4 milhões e que esse montante, quando estimado para 1997, deverá estar duplicado pela grande participação dos investimentos privados no Programa Fazcultura.

A Secretaria da Cultura e Turismo da Bahia, através do Programa Fazcultura, em 1997, aprovou R\$ 48,9 milhões em projetos de 169 empresas que estão patrocinando atividades artístico-culturais. Esses projetos incluem pesquisa, estudos, edição de obras e a produção de atividades na área de artes cênicas, plásticas e gráficas, cinema e vídeo, fotografia, literatura, artesanato, folclore e tradições populares, museus, bibliotecas e arquivos. A lei que institui o Programa foi sancionada em dezembro de 1996, portanto esses investimentos deverão estar incluídos nas estimativas do PIB da cultura para o ano de 1997.

FBKF DO SETOR PRIVADO	R\$ 17.4 milhões
-----------------------	------------------

Exportação e Importação de Serviços e Produtos Culturais

Neste cálculo, as exportações e importações, realizadas pelo Estado da Bahia, deverão ser traduzidas segundo o conhecimento de comércio por vias internas e externas, valendo-se dos principais componentes de consumo de cultura, agora classificados como mercadorias e serviços. Entre os itens consumidos e identificados como culturais pela *Pesquisa Direta*, procurou-se identificar e quantificar o consumo local de produtos da cultura baiana, exceto itens como cinema, discos, revistas, fitas de vídeo, em que se encontram os itens importados de outros Estados ou países.

Desta forma, partindo-se da análise dos itens de consumo, pode-se afirmar que a culinária típica pouco exporta e também poucas importações são realizadas. As festividades religiosas ou populares também apresentam o perfil de produção local e pouca exportação e importação. Teatro, academias de dança, cursos de arte, museus, afoxés e entidades culturais são basicamente produzidos e consumidos internamente, com poucos resultados na balança comercial da Bahia.

Conquanto deva ser considerado o grande valor das obras de arte e artesanato produzidas por artistas baianos, em parte essas exportações já foram registradas como consumo dos turistas ou não-residentes. Outro ponto a considerar é a balança comercial de entrada e saída de mercadorias desse gênero, pois dificilmente seria devidamente mensurada. Neste item preferiu-se empiricamente considerar nulo o balanço de entrada e saída de mercadorias.

Através dos resultados do consumo familiar em fitas, discos, CDs, vídeos, cinema, revistas e livros, obtidos pela *Pesquisa Direta*, observou-se que esses produtos representam 39,9% do total de consumo de cultura, ou aproximadamente R\$ 559 milhões. O nível de importações, nesses quatro itens de consumo pesquisados, é muito alto, pois quase não existe produção local, com exceção de parte de produção de discos, fitas, revistas, livros e jornais (Tabela 5).

TABELA 5 – PARTICIPAÇÃO DOS BENS CULTURAIS NO CONSUMO FAMILIAR NA BAHIA – 1997

Item	% na Despesa com Cultura	Valor (R\$ Mil)
Cinema	5,5	76.980,00
Discos, fitas, CD's	16,3	228.200,00
Fita de vídeo	8,2	114.800,00
Livros, revistas, jornais, periódicos	9,9	138.600,00

Fonte: Secretaria da Cultura e Turismo.

A pesquisa qualitativa que aborda os produtores culturais e consumidores permitiu verificar que as compras de produtos vindos de fora da Bahia são realizadas principalmente pelas classes A e B. As compras são adquiridas através da Internet para diversos produtos, além de vídeos, discos, livros, revistas e quadros que são importados. Para as classes C e D registraram-se as compras de discos e CDs de música internacional; filmes, revistas e jornais do sul do País (classe C).

A indústria da cultura na Bahia, especialmente a indústria fonográfica, cinematográfica e editorial é de pequeno porte e se instala lentamente no Estado. Assim a produção artística de música e literatura é industrializada essencialmente no eixo Rio-São Paulo, através das principais empresas fonográficas e editoriais,

deslocando parte da geração do valor agregado da produção artística baiana para o sudeste do País.

Pode-se afirmar, segundo entrevistas realizadas em *Pesquisa Direta*, que a balança comercial da Bahia no tocante a livros, revistas e jornais, encontra-se próxima de zero ou pouco negativa. Embora se reconheça a dificuldade de mensurar essas contas, os *royalties* e direitos autorais de autores, como Jorge Amado e Ubaldo Ribeiro apenas para citar os maiores, conduzem a essas observações, além disso, no item leitura, o consumo mais comum do baiano, segundo a pesquisa, ainda é o jornal, e sua produção é essencialmente local.

O baiano consome essencialmente discos, fitas e CDs da cultura local, enquanto o nível de consumo de cultura de outros países ou Estados não ultrapassa 30%. Os resultados da *Pesquisa Direta* registram que R\$ 228 milhões são gastos anualmente pelas famílias baianas na compra desses itens. Como a produção da indústria fonográfica baiana é muito reduzida, esses itens são importações especialmente vindas do eixo Rio/São Paulo, onde se encontra a industrialização de discos. O valor dessas importações, consideradas a custo de fatores na produção e distribuição, permite afirmar que 30% de margens de comércio e impostos, e 12,4% de direitos autorais e artísticos são apropriados pelo Estado da Bahia, tornando possível estimar as importações em R\$ 97 milhões.

Neste item, a exportação da produção baiana de "axé music" realiza vendas de mais de 5 milhões de discos, fitas e CDs por ano, em parte produzidos (criados) na Bahia. A venda final ao varejo dessa produção de discos pode ser estimada em R\$ 40 milhões.

Deve-se considerar a produção industrial de discos, fitas e CDs essencialmente realizada fora da Bahia, dessa forma, analisada a composição do valor agregado da produção, consubstanciada em entrevistas com especialistas, observou-se que a indústria se apropria de 25% do preço final do disco, o restante do preço são margens de comércio e divulgação realizadas fora da Bahia, portanto essas exportações baianas representam apenas o valor dos direitos autorais e artísticos, algo em torno de 12,4% do valor.

Considerando-se esses indicadores, é possível estimar-se em R\$ 5 milhões o valor das exportações de discos/ano, e o saldo da balança comercial de discos, fitas e CDs (resultado das exportações menos importações) resultaria em balança comercial negativa de R\$ 92 milhões.

O consumo familiar de cinema e fitas de vídeo, dada à exiguidade da produção local, foi considerado como importações da Bahia. Dessa forma, utilizando-se os dados de consumo da *Pesquisa Direta*, têm-se R\$ 192 milhões em produtos consumidos. Para fins de cálculo de importações de mercadorias, retirou-se as margens do comércio local e os impostos indiretos (30%), podendo-se estimar que as importações desses itens na Bahia perfazem R\$ 134 milhões, sendo este também o valor da balança comercial da Bahia, uma vez que se tem poucas exportações.

As exportações de shows de produtores baianos são expressivas. Segundo Miguez de Oliveira (1996) são realizadas cinquenta festas fora da Bahia, ou mil shows

por ano na “indústria axé”. Esses valores quantificados através de pesquisas realizadas por esse mesmo autor, em que a média por apresentação de cada banda é de R\$ 23 mil por show, podem gerar R\$ 23 milhões por ano, conforme explicitado a seguir.

Na mesma linha de atuação empresarial enquandram-se outros nomes de importância do que já é denominado de “indústria axé”, tais como Netinho, a banda Asa de Águia e Ricardo Chaves. Até mesmo atrações de sucesso mais recentes já recebem cachês significativos. É o caso, por exemplo, da banda Eva, “que começou tocando de graça”, e hoje tem um cachê médio de R\$ 12 mil (Aguiar et Vlad, 1995b).

Outro produto cultural de exportação, citado por Miguez de Oliveira (1996), refere-se à venda de discos. Segundo Adolfo Nery, Presidente do Conselho Municipal do Carnaval e um dos proprietários do Camaleão, “o fato é que 12 a 15 blocos carnavalescos de Salvador vendem entre quatro a cinco milhões de discos por ano”.

EXPORTAÇÕES	R\$ 5 milhões (discos) + R\$ 23 milhões (shows)
(-)	
IMPORTAÇÕES	R\$ 134 milhões (cinema e vídeo)
=	R\$ 97 milhões (discos, fitas, CD's)
SALDO	R\$ 203 milhões

Recentemente alguns blocos inauguraram o sistema de franquias de suas marcas, montando filiais em várias cidades que realizam os carnavais temporões, em associação com empresários locais. É o caso, por exemplo, do Nana Banana, presente em doze cidades, e do Cocobambu, já estabelecido em dezessete cidades.

Existem hoje, aproximadamente, mais de cinqüenta carnavais fora de época por ano em cidades de vários Estados brasileiros, especialmente do Nordeste, muito embora cidades como Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte e Vitória já realizem também os seus carnavais temporões, respectivamente, Rio Elétrico, Carnasampa, Carnabelô e Vital. João Pessoa, por exemplo, aonde o evento Micaroa é produzido por uma empresa privada, a Planarte, chegou a realizar a festa por duas vezes em 1995. Há a perspectiva de mais cidades serem incorporadas a esse calendário festivo, o qual já ameaça estender-se, inclusive, a países do Mercosul.

Eventos dessa natureza chegam a reunir públicos que, em alguns casos, como o Carnatal (Natal) e Fortal (Fortaleza), superam as 500 mil pessoas. O número de blocos, regra geral constituídos à imagem e semelhança dos blocos de trio baianos, já chega a 250, congregando aproximadamente 625 mil associados. Com essa

magnitude, tais eventos constituem um mercado que envolve diversos atores de porte, como a indústria hoteleira, companhias de aviação, agências de viagem e turismo, fornecedores de serviços os mais diversos (sonorização, iluminação, montagem de estruturas tubulares para camarotes, arquibancadas e palcos, segurança, etc.), indústria de confecções, comércio de alimentos e bebidas, etc., e movimentam valores bastante expressivos.

Conclusão – Impactos da Cultura no PIB da Bahia

O ano de 1996 pode ser considerado bom para a economia baiana, que cresceu 3,9% em relação ao ano anterior, o PIB, calculado pela SEI, registrou US\$ 34,6 bilhões. Entre os principais vetores de crescimento, o comércio, que representa junto a hotéis e restaurantes 19,5% do PIB, obteve crescimento acima dos demais setores.

TABELA 6 – ESTRUTURA DO PRODUTO INTERNO BRUTO DA BAHIA

Atividade	%							
	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	
Agricultura, silvicultura e pesca	15,2	15,1	15,3	14,5	13,8	12,4	12,5	
Extrativa mineral	3,5	3,4	3,5	3,2	3,0	2,9	2,9	
Indústria de Transformação	22,3	22,2	23,2	24,6	24,7	24,1	24,2	
Eletricidade, água, utilidades	3,7	4,1	4,3	4,3	4,0	3,7	3,5	
Construção	2,4	2,3	2,3	2,3	2,4	2,4	2,4	
Comércio, restaurantes e hotéis	19,6	18,2	16,8	15,9	17,4	19,0	19,5	
Transportes, arm. e comunicações	7,2	7,6	7,6	7,7	7,8	8,5	8,5	
Estab. fin., segur. e bens imóveis	14,4	14,7	14,3	14,5	14,1	14,2	14,1	
Serviços comunitários e sociais	11,7	12,4	12,7	12,9	12,8	12,8	12,4	

Fonte: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI)

A cultura definida como consumo e investimento de produtos, de arte, shows, espetáculos, discos, livros, cursos, museus, teatros, obteve um PIB, contabilizado como dispêndio total em dólares, equivalente a US\$ 1,484 bilhão para o ano de 1996, comparativamente ao PIB do Estado, participou com 4,3%, superior a toda indústria extrativa mineral e à construção, mas a grande importância da cultura na economia não está medida no seu valor contábil, e sim na geração de empregos, o responsável por 7,2% das ocupações na RMS.

TABELA 7 – PIB DA CULTURA NA BAHIA. ESTIMATIVA DOS COMPONENTES DE DESPESA EM 1996

Especificação	R\$ milhões de 1996
CONSUMO FINAL	1.645,00
Consumo final das famílias	1.612,00
Residentes	1.400,00
Não-residentes	212,00
Consumo final das administrações públicas	33,00
Municipal	20,10
Estadual	12,10
Federal	0,80
FORMAÇÃO BRUTA DE CAPITAL FIXO	46,10
FBKF do Governo	28,70
Municipal	9,80
Estadual	18,90
Federal	...
FBKF do Setor Privado	17,40
VARIAÇÃO DE ESTOQUES ¹	...
EXPORTAÇÕES DE BENS E SERVIÇOS	28,00
IMPORTAÇÕES DE BENS E SERVIÇOS	(231,00)
PIB DA CULTURA EM R\$	R\$ 1.488,00
PIB DA CULTURA EM US\$²	US\$ 1.479,45
PARTICIPAÇÃO NO PIB DA BAHIA	4,3%

1. A variação de estoques de serviços culturais não existe, os estoques de bens culturais tais como discos, livros etc., não puderam ser mensurados.
2. O PIB em dólares é resultado da variação cambial utilizada pela SEI, em que o PIB R\$ 34,8 bilhões e PIB US\$ 34,6 bilhões.

A cultura, como produto de exportação, é difusora dos atrativos da Bahia. Em virtude da imagem positiva da nossa música e do acervo arquitetônico do Centro Histórico restaurado, criou-se a sustentabilidade do desejo de melhoria social. Os resultados dessa boa imagem internacional já podem ser observados nos investimentos externos na Bahia, cuja captação já é superior à média nacional.

Realimenta-se um processo de desenvolvimento, agora equilibrado pelos investimentos produtivos, em que o Estado leva a toda população o direito à música e arte, onde a cultura pode ser vista por todos.

BIBLIOGRAFIA

- BAHIATURSA. 1997. Indicadores básicos do turismo baiano. *Desempenho do turismo baiano 1990/1996*. Salvador: Bahiatursa, junho.
- GOVERNO DA BAHIA. 1996. *Balanco geral do Estado/96*. Salvador: Secretariada Fazenda.
- BORGES, Angela e BURMAN, Grazia. 1992. *Mudanças na despesa familiar em Salvador entre 1974 e 1987/88*. Salvador: SEI (Série Especiais SEI).
- BURMAN, Grazia e GUIMARÃES, José Ribeiro. 1997. *A geração de empregos na Bahia*. Salvador, n.2, julho.
- BRASIL não pára no Carnaval. 1997. *Folha de S. Paulo*, 2 fev.
- EMPRESA DE TURISMO DE SALVADOR e SENAC. 1996. *Pesquisa de gastos dos turistas e avaliação da mão-de-obra turística em Salvador*. Salvador.
- GUIMARÃES, José Ribeiro. 1997. Distribuição dos rendimentos na RMS. *Conjuntura e Planejamento*, Salvador, n.33, fev.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. 1990. *Sistemas de contas nacionais consolidadas Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE. Vol. 8 (Série Relatórios Metodológicos).
- MENEZES, Wilson Fittipaldi. 1997. Perfil do desempregado na RMS. *Conjuntura e Planejamento*, Salvador, n.39, ago.
- MIGUEZ DE OLIVEIRA, Paulo César. 1996. *Carnaval baiano: as tramas da alegria e a teia de negócios*. Salvador: UFBA. 234p. Dissertação (Mestrado em Administração). 1996.
- _____. 1997. *Negócios da festa. Bahia Análise & Dados. Serviços*. Salvador: Secretaria do Planejamento Ciência e Tecnologia do Estado da Bahia, v.6 n.4, mar.
- SECRETARIA DA CULTURA E TURISMO DA BAHIA. 1997. *Pesquisadireta*. Salvador: SCT.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Rio de Janeiro. 1988. *Pesquisa de orçamento familiar*.

Recebido em 10/6/98

Aprovado em 30/7/98